

O CORREIO

DIRECTOR

Jorge Santos

SEMANARIO MONARCHICO

EDITOR

Alberto Ferreira d'Aguilar

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Passos Manoel, 177-1.º-Porto

Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva
(Tellextra, Successor—Officinas movidas a electricidade—
Rua da Canella Velha, 79-1.º—PORTO.

Agente em Paris: Alvaro Pinheiro Chagas—6, Rua Duban
Agencia em Lisboa: Largo de S. Paulo, 12

Proprietario—MARIO ANTUNES LEITÃO

1.º ANNO = N.º 23 = AVULSO 20 REIS

Sabbado, 10 de Maio de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 52 n.ºs, 1.5000 reis — Serie de 26 n.ºs, 500 reis. Estrangeiro: (Países da União postal)—serie de 52 n.ºs, 15 francos (ou 36000 reis). Serie de 26 n.ºs, 8 francos (ou 18000 reis). Brazil: serie de 26 n.ºs, 60000 reis (moeda brasileira). Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce 60 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 contavos (ou 100 reis) para o estrangeiro.

ANUNCIOS—Na secção de annuncios 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

Quem é a futura Rainha de Portugal

ENTREVISTA

Com a Senhora Marqueza de Rio-Maior

O bom «jeune homme»

Em 1790, plena revolução franceza, ao apresentar-se na aula de rhetorica do collegio *Cardinal-Lemoine*, em Paris, o substituto do padre *Levasseur*, que se recusára a fazer o juramento obrigatorio da constituição civil do clero, — um estudante levantou-se para declarar que não recebia as lições de um sacerdote que desobedecera á Igreja.

Dito isto, saiu da aula.

Paris vivia os dias vermelhos de 90 a 93. O barrete phrygio, enterrando-se cada vez mais na cabeça da Revolução, vendava de sangue os olhos da França.

Com a mesma cavalheiresca intransigencia que recusára as lições do padre *assermenté*, o estudante, para não prestar juramento á Revolução, recusou o posto d'ajudante de campo de Casabianca. Essa creança seguiu os reis, oppondo o seu magoado respeito ás malquerenças e insultos que acompanharam a familia real durante o seu disfarçado encarceramento nas *Tulherias*, a antecâmara do *Temple*.

Naquella tumultuosa noite em que á chegada da Rainha á *Opera*, alguns manifestantes só se descobriram depois dos protestos unanimes dos realistas, fôï ainda esse estudante quem arrancou o chapéo a Ducos, depois membro da *Convenção*, que affirmava não haver quem pudesse obrigar-o a descobrir-se, perante a mulher do primeiro funcionario publico.

A mocidade é exaltadamente partidaria. A pureza do coração contribue para a exaltação da cabeça. Esse rapaz não podia deixar de tornar-se um *realista fogoso* que se filiou em todas as associações politicas onde diariamente se sonhavam contra-revoluções. O marquês de *Champeneiz*, governador das *Tulherias*, dá-lhe um cartão de livre entrada no palacio, e o desinteressado rapaz torna-se a boa sombra da familia real; a Rainha inspira-lhe uma dedicação quasi romanesca.

No dia em que Luiz xvi quiz partir para *S. Cloud*, 18 d'abril de 1791, encontravase o fogoso realista no claustro do palacio das *Tulherias*. A multidão cortava o caminho á carruagem real. Os realistas eram numerosos e queriam lutar. O proprio *La Fayette* mostrava-se decidido a secundar a partida da familia real. Mas o Rei oppoz-se, horrorizado á ideia de fazer derramar sangue francez. A resistencia popular crescia. A multidão cercava as grades do palacio, rodeava a carruagem, ululava ameaças á familia real.

Durante cerca de duas horas, o principe foi crivado d'ultrages. A Rainha, cuja serena coragem se não desmentia um só instante, pediu um copo d'agua para o *Delhim*. Alguns populares oppuzeram-se, furiosos, á passagem do offi-

cial que levava esse copo d'agua. Então, o «fugoso realista», que estava perto da carruagem, não pôde conter a sua

lesente, cuja attitudo e physionomia expressiva respiravam uma *sympathia* pela familia real tornada rara. Um dia, em que o ex-estudante de rhetorica do collegio *Cardinal-Lemoine* se aproximára mais da Rainha, no momento em que ella sahia do Jardim das Plantas, pôde ouvir Maria Antonieta dizer para Maria Izabel, indicando-o com um olhar enternecido:

— «Voilà un bon jeune homme!»

Estas palavras de reconhecimento, esbaldas dos labios tristes da Rainha *Martyr*, gravaram-se-lhe a fogo no co-

nin, secretario do Rei, lhe communicava que o Rei e a Rainha correm graves perigos, o *bon jeune homme* escreve á mãe: «... vou contribuir para salvar o throno ou morrer defendendo-o».

Corre a Paris, e no dia seguinte, mal vestido para se poder misturar com o povo, vae ás *Tulherias*.

Tinha dezaseis annos.

Já a *Convenção* succedêra á *Assembleia Nacional*, e chamára Luiz xvi a ser julgado.

O *bon jeune homme* assistiu d'uma tribuna, ao primeiro acto da tragedia, entre sinistras figuras que o cataclysmo revolucionario vomitou sobre as pedras de Paris; ouviu Santerre annunciar que *Luiz Capeto esperava as ordens da Convenção*, viu o Rei de França entrar, sentar-se sem proferir uma palavra, responder com calma e precisão, n'uma voz firme e forte, e sahii d'ali mais entusiasta realista do que entrára.

Os cortejos da desgraça são mais raros, mas são mais constantes.

Fôra, ouviu alguém dizer que Luiz xvi se mostrára muito sereno, mas que elles saberiam fazer-lhe baixar a cabeça. Voltou-se, e reconheceu *Marat*. Teve impetos de se lançar ao convencional, mas dominou-se. O bom adolescente não podia sentir o alto papel que ia representar na historia da França, da Europa e mesmo da America; mas sabia bem o quanto a sua dedicação queria tentar fazer para salvar a vida do seu Rei.

A opinião publica era favoravel á familia real, havendo mesmo manifestações de *sympathia*. A *Convenção* hesitava em lavrar a sentença que os *sans culottes* lhe dictavam; as sessões prolongavam-se; alguns deputados estavam indecisos; o *bon jeune homme* encarregou-se de lhes fallar.

Havia uns luars de esperança que a manhã de 19 de janeiro varreu de todo.

Dois dias depois, o *Terror* estava iniciado em França, e só restavam uma mulher e uma creança aos homens de coração e de lealdade para se dedicarem.

A execução de Luiz xvi fôra o termo da *Realeza*, mas não o da *Revolução*. Essa continuava a reclamar victimas, martyres, sangue, como um bebado pôde reclamar mais vinho quanto mais se lhe seccam as guélas. Não faltavam desgraçados a arrancar á guilhotina. O *bon jeune homme* arrancou, das garras de *Fouché*, *Pierre Mangue*, accusado de se referir irrespeitosamente a *Hobespierre* e a *Montagne*, e, depois d'essa defeza audaciosa e brilhante que obrigou o tribunal a reconsiderar, ainda liberta quatro padres, presos nas cadeias de *Nevers*.

Notado, as perseguições, que evitára aos outros, cahem sobre elle. E, preso em *Cosne*, perto do seu *château de Les-tang*, quando lhe dão uma liberdade provisoria, encontra a turba-multa demagogica reclamando o julgamento de *Maria Antonieta*.

Entretanto, o espectáculo d'esse angustiado coração de mulher, a quem tinham arrancado o marido para o guilhotinar, e cuja força lhe era agora dada pela figura transida do *Delhim*, despertára nos proprios republicanos, encarregados de guardar a Rainha, dedicações e commovidas *sympathias*. Entre esses dedicados, contava-se o inspector das



Sua Magestade El-Rei D. Manuel e Sua Alteza a Princesa Victoria de Hohenzollern, Sua Noiva

indignação, e adeantou-se, a abrir caminho ao official. Cinco ou seis populares cahiram sobre elle. E foi preciso outro official defendel-o, d'espada em punho.

A Rainha notára o gesto d'esse ado-

ração, d'onde nunca mais, nem a miséria, nem o carcere, nem dezaseis annos d'exilios e proscricções, nem o *Terror*, nem o Imperio, nem o tempo, as apagaram.

Quando, depois, no 9 d'agosto, Hen-

prisões, Michonis, em quem a Republica teve um partidario zeloso e sectario até a primeira vez que elle aborou os angustos prisioneiros. Ao presenciarem, porém, a desgraça da familia real e a sobreza com que a supportavam, sentise tomado de um ardente desejo de reparar as injustiças da sorte.

— *Sou republicano, mas dava, como o senhor, a minha vida por elles!* — declarou Michonis ao *bon jeune homme*.

E, depois de fracassado o plano de Mr. Toulau, Michonis, antes de dar a sua cabeça á guilhotina do Terror, preparou outro plano para libertar Maria Antonieta, plano tambem descoberto e que teve, por involuntaria consequencia, a separação da Rainha e do Delfim, e a transferencia da viuva de Luiz xvi da prisão do *Temple* para a *Conciergerie*.

O *bon jeune homme* foi de todos os *complots* que tentaram arrancar Maria Antonieta aos ferros da *Conciergerie* e ao cesto de Samsom, o executor das altas obras, do *complot* de Jobert, como do do cravo vermelho do cavalleiro de Rongeville.

E' provavel que Maria Antonieta morresse sem saber o nome do *bon jeune homme*; mas a policia da Revoluçao sabia muito bem que o adolescente que se apra, fascinado, a esteira da desgraça da Rainha martyr se chamava Hyde de Neuville que, dos seus maiores, desterrados da Inglaterra com os Stuarts, herdára o sangue lealmente realista.

Nascido de sangue inglez, segundo o retrato á penna feito por Lamartine, elle trouxe para França esse fanatismo do parlamento dos Stuarts que personifica n'uma raça leal a honra, a religião e a Patria, e á qual o expatriamento e o cadafalso apparecem como deveres do seu culto. Hyde de Neuville dedicou, aos Bourbons, a mocidade, a fortuna, a sua cabeça. Conspirador infatigavel, sob a Republica e sob o Imperio, emissario corajoso do Rei e dos Principes em Paris, vivendo a metade da vida sob nomes falsos, furtando-se á policia do Directorio e de Bonaparte graças a outra policia mais occulta de que elle urdira os fios, até á capital, em serviço dos Bourbons; ligado aos Polignacs, aos Bourmont, aos Riviere, aos Moreau, aos Pichegru, aos Georges, aos Clichens, aos vendeanos, — só uma vez se defendeu: quando a policia de Fouché, para lisongear Bonaparte, o accusou de cumplicidade no 3 *novose* (24 dezembro 1800) cuja machina infernal dirigida contra o Primeiro Consul esteve muito perto d'assassinar o vencedor do Egipto.

Hyde de Neuville gritou então: *Sou capaz de me bater na guerra pela fé da causa, mas incapaz de collaborar n'um crime!*

Mas a policia procura-o, persegue-o, e Mr. e Madame de Neuville vão para La Rochelle, onde Hyde de Neuville, sob o nome de dr. Roland, vaccina o povo, e salva tantas vidas que o ministro do Interior lhe agradece os seus humanitarios serviços, n'uma carta historica, sem saber que o famoso dr. Roland é o realista que Fouché farea por toda a França, desde a Vendea a Paris.

Para defender seu marido, Madame Hyde de Neuville vae ter com Napoleão a Austerlitz.

Revigo instiga Bonaparte, o Primeiro Consul quer saber proscripto o realista, e Madame Hyde de Neuville resolve ir fallar a Napoleão. Acompanhada do marido até á fronteira suissa-allema, a Senhora Hyde de Neuville parte depois, só com uma dama amiga, atraz da *Grande Armée* victoriosa.

A estrella de Napoleão cada dia nasceia em seu campo de batalha. Madame Hyde de Neuville percorre o rastro astral: é Augsburg, é Munich, Lintz. A esposa do proscripto realista viaja ora em carruagens que se esmigalham nos fossos, ora em barcos de munições

pelo Danubio acima. Depois é Molke, por fim Vienna; e Napoleão avançando sempre, vencendo sempre, combatendo sempre sem dar sequer por esse coração de mulher que a sua esteira victoriosa vae arrastando, dilacerando-o.

Emfim, ouve-se o clamor da victoria de Austerlitz.

Napoleão está á frente da *Grande Armée*. E só um mez depois, o principe Murat e o marechal Berthier podem communicar a Bonaparte a missão de Madame Hyde de Neuville: dizer ao Imperador que o Senhor Hyde de Neuville aceita o exilio perpetuo nos Estados-Unidos, como realista, mas que em vez de ir embarcar a Italia, desija embarcar em Hespanha, atravessando toda a França, com passaportes, para que se não supponha que elle vae fugido á perseguição do attentado do 3 *novose*. Os passaportes e a autorisacão do governo para atravessar a França, destruiriam a calumnia.

O Imperador respondeu:

— *Isso é bello! Isso é francez!*

E, sabendo os sacrificios da Senhora Hyde de Neuville, percorrendo todo o caminho victorioso das aguas napoléonicas, para pleitear junto do Imperador, o protesto contra a accusação d'um crime, Napoleão encarregou o marechal Berthier de lhe dizer que *ella era uma mulher digna, e que o Imperador lamentava não poder conceder-lhe mais do que ella pedia*: o exilio.

A restauração termina esses longos annos de proscriptão e faz do proscripto o Barão Hyde de Neuville, embaixador de Luiz xviii em Washington primeiro, depois no Rio de Janeiro.

Mas a insurreicão do Rio de Janeiro, que provoca o retorno de D. João vi a Lisboa, transfere-o embaixador para Portugal, e elle que não chegara a ir ao Rio entregar as credenciaes, vae entregal-as a Lisboa.

O 30 d'abril nomeia o Barão Hyde de Neuville conde da Bemposta.

O Barão Hyde de Neuville chegou a tempo de conhecer os negocios e os homens da corte portugueza, apreciar a lealdade do conde de Suberra, a honradez e o valor politico de D. João vi, as maquinações de Beresford, e prever o 30 d'abril, em cuja manhã o embaixador francez soube convocar na Nunciatura o corpo diplomatico, e correr para junto do Rei de Portugal, ao Palacio da Bemposta, valendo ao throno, e defendendo os Portuguezes da humilhação de cahirem n'uma colonia taletada, a que um mau filho e mau portuguez — duplamente traidor —, o Infante D. Miguel, estava prompto a reduzir a Patria.

E' o Barão Hyde de Neuville que responde ao cumplice do Infante D. Miguel, que quer tomar o passo ao corpo diplomatico:

— «A Europa que nós representamos não conhece senão o Rei; o infante não passa d'um subdito, não pôde dar ordens no palacio de seu Pae.»

E graças á energia do senhor Hyde de Neuville, o corpo diplomatico, abrindo caminho por entre a soldadesca da sublevação, atravessando tres saltes desertos, vae dar com D. João vi na sala do throno, acabrunhado de dor, acompanhado pelo seu fiel Marquez de Torres Novas e pelo representante Beresford, o «strangeiro», em proveito de cuja patria o infante D. Miguel tentara o 30 d'abril, a deposição do soberano legitimo, e a transformacão d'uma nacionalidade n'um protectorado.

E com uma ativez bem franceza, o senhor Hyde de Neuville pergunta ao estrangeiro Beresford se elle é ministro de Sua Magestade Fidelissima; á negativa, o embaixador francez correu o intruso com estas palavras:

— «Entre El-Rei e o corpo diplomatico não pôde haver outro intermediario senão o ministro dos negocios Estrangeiros.»

E, depois da titubeante e manhosa submissão do Principe Miguel, sempre á

espreita de executar a traição preconcebida, em nome d'um amor filial e d'um zelo sympathico que elle não sente, e ainda o Barão Hyde de Neuville que esclarece os conjurados dizendo em voz alta:

— «Não conheço por ministro dos estrangeiros senão o Marquez de Palmella, e só com elle me correspondo, enquanto o seu successor não puder ser nomeado senão pela influencia das bayonetas.»

Nesse edificio, onde está actualmente a Escola do Exercito, e a cujas portas assomavam (até 5 de outubro de 1910, pelo menos) as armas de Portugal e de Inglaterra, affirmando que o paço da Bemposta fóra o palacio da Rainha D. Catharina, filha de D. João vi, e viuva de Carlos ii, de Inglaterra; n'esse edificio e n'esse abominavel 30 d'abril, bem mereceu o sr. Hyde de Neuville do Rei de Portugal o titulo de conde da Bemposta, em memoria do Paço onde a sua acção salvára o throno, a patria portugueza, e um mau filho e mau subdito de consumar um acto de mau patriota.

Quando o Infante, esquecido dos seus protestos de fidelidade á Constituiçao e á Rainha, se assenhorou do poder, e encarcerou então o conde de Suberra, que estava apontado para ser assassinado no 30 d'abril, o conde da Bemposta já não era embaixador de França em Lisboa, e não pôde então defender Portugal da cheia de sangue, de horrores, de ruinas, de perseguições e fanatismos que tornaram para sempre o miguelismo uma tradiçao odiosa e irreconciliavel com o sentimento nacional portuguez.

N'esta emergencia o barão Hyde de Neuville, com a autoridade que lhe dava o conhecimento dos assumptos portuguezes, escreveu uma brochura em que demonstrou, com documentos irrefragaveis, os direitos da filha de D. Pedro.

Mas Hyde de Neuville tinha um sobrinho, o conde de Saint-Leger de Larn; que acompanhou D. Pedro á Terceira e pelo liberalismo se bateu nas trincheiras do Porto.

O conde de S. Leger era filho do realista francez Larne e de Maria Suzanne, irmã de Hyde de Neuville.

Larne esteve ao lado de Hyde de Neuville, esteve na Cayena e nos exilios da America. Homiziado annos seguidos, escondido na propria casa, só se avistava com Madame Larne. O filho não o conhecia. Um dia, tinha a creança seis annos, o pequenito deitou fogo á casa; a creança gritou, e viu um homem empurrar um armario que escondia uma porta, sahír, pegar-lhe nos braços, saltar uma janella, e salvar a das chaminas. Era o pae que pela primeira vez se chegava ao pé do filho. Larne foi o restaurador dos Archivos Nacionaes de França, e quem visitou o monumental archivo de Paris, lá encontra a estatua do notavel bibliotecario de Carlos x.

D'este illustre Larne e de Maria Suzanne Larne (née Hyde de Neuville) nasceu o conde de Saint-Leger de Larne.

Saint-Larne é um official francez, com uma carreira brilhante, feita na campanha da Grecia, onde serve ás ordens do general Maison.

Hyde de Neuville nomeia-o, quando ministro da marinha, para ir a Constantinopla comprar os captivos gregos para os restituir ás familias, encontrando-se n'essa missão com o delegado da Italia, que era o conde de Bobonne, mais tarde consul em Lisboa, onde se radica a familia, e com o delegado inglez, lord Prado, depois duque de Notham-berland.

Toma parte na guerra de Hespanha, com o Duque d'Angoulême, e o ultimo capitulo dos seus serviços á França é o cargo de *prevost-militaire*, governador da Martinica, durante a revolta dos negros.

Grassava a febre amarella. Saint-Leger cahia doente; dão-o por morto, e só ao deitarem a cal no caixão para o enterrar, dá signaes de vida. Estava um

navio a partir do porto, atiram o corpo de S. Leger para a embarcação, por um descargo de consciencia, a vêr se o ar do mar largo o salvará. Quando o navio aporta a Belle-Isle o conde de S. Leger está salvo.

E' 1832.

D. Pedro iv encontrou-o, e diz-lhe: — O' S. Leger, você vae commigo para a expedição.

Faz a Terceira, entra em fogo nas acções do Porto.

Um dia, S. Leger, que tinha um soldado bom cozinheiro, convidára para jantar na sua tenda de campanha, o duque da Terceira, o Lastery, neto do famoso La Fayette, e outros camaradas. Como de costume, Lastery e S. Leger caturravam n'essa tarde: Lastery era um avançado, S. Leger um moderado, viviam n'uma bulha pegada.

Eram os eternos disputadores do direito divino e dos direitos do homem.

Mas a sópa foi para a meza, e deante d'um bom jantar como deante d'uma boa carga de bayoneta, os dois officiaes esqueciam as dissidencias politicas. Iam a sentar-se á meza, quando S. Leger recebeu (sem então nem nunca saber quem lho enviára), n'um papelinho dobrado, e escrito a lapis, um aviso de que os miguelistas estavam a abrir uma brecha'por onde queream entrar no Porto.

Levantam-se immediatamente.

O conde de S. Leger commandava a Legião Estrangeira, composta do refugio das revoluções de 30, em Paris. E' o primeiro a chegar ao ponto ameaçado. O combate é renhido. As mulas d'artilharia são mortas pelo fogo inimigo; os officiaes puxam ás peças; de 28 officiaes, escapam trez. S. Leger é ferido por um balazio no braço esquerdo, que lhe estilhaça os ossos, d'onde toda a vida sahiram esquirolas.

Os miguelistas são repellidos, e S. Leger, apezar de dolorosamente ferido, não fica para traz. O braço esquerdo afeito, o direito pôde bem com a espada. Segue o Imperador. Mas nas linhas de Lisboa cae n'um fosso, bate sobre o braço, e a fractura, ainda mal soldada, torna a rachar.

N'um fogo adeante cahira morto Rojecland, outro francez, amigo de S. Leger. Rojecland era, como Bourmont, um official francez alistado nas hostes miguelistas, e ambos amigos de S. Leger e Lastery que contra elles combatiam sob a bandeira liberal.

E é S. Leger quem vae, de noite, levar Bourmont a bordo d'uma nau franceza para elle não ficar prisioneiro.

Acabadas as guerras liberaes, o capitão conde de S. Leger toma o titulo de conde da Bemposta (que Hyde Neuville tinha em duas vidas, para elle, para o sobrinho, seu filho adoptivo) e fica no Paço, como ajudante d'ordens do Imperador.

S. Leger, já conde da Bemposta, essa, com a filha adoptiva do conde de Suberra, D. Maria Mancia de Lemos e Roxas.

O conde Suberra morrera já no forte da Graça, em Elvas, prisioneiro e martyr dos miguelistas. A condessa de Suberra, em cuja casa o conde de S. Leger é tratado, dá a mão de sua filha ao official francez que dois titulos tinha para herdar a sua casa: o de ter collaborado na libertação do paiz, e o ser sobrinho de Hyde de Neuville que salvára o conde de Suberra de ser assassinado no 30 d'abril, pelos miguelistas, abrangendo-o na embaixada de França.

A menina Suberra

O conde de S. Leger, a quem o Rei Soldado elevava de conde a Marquez da Bemposta, junta assim os dois titulos: Bemposta e Suberra.

Este Marquez da Bemposta e Suberra que serviu D. Pedro iv, D. Fernando, D. Pedro v e D. Luiz e morreu tenente-general, teve uma filha, a menina Suberra, como lhe chamava a corte de D. Estephania, — D. Maria Isabel, que casou com Antonio de Saldanha Oliveira e

Souza, conde, depois Marquez de Rio Maior.

O Marquez de Rio Maior morreu, Par do Reino, em 1891.

A Senhora Marqueza de Rio Maior, filha do Marquez da Bemposta e Subsera, conde de S. Leger, neta de Larne, restaurador dos *Archives Nationaux*, de França, e segunda sobrinha de Hyde de Neuville, o *bon jeune homme*, fiel cortezão da desgraçada Rainha Martyr, ainda vive.

Tem 72 annos e uma memoria fiel como se, fallando, estivesse lendo os archivos da sua patria.

E' a Torre do Tombo do constitucionalismo.

A senhora Marqueza de Rio Maior viveu já cinco reinados: D. Maria II, D. Pedro V, D. Luiz I, D. Carlos I e D. Manuel II.

De todos elles reteve uma saudade, um episodio, um facto, como de cada um dos seus antepassados, tão illustres, guarda a serena coragem da sua fé, a mesma indeclinavel lealdade e firmeza monarchica.

E' uma Neuville, uma Larne, uma Subsera.

Assistiu ao baptizado de Sua Alteza a Senhora D. Antonia de Bragança, avó da Princeza Victoria, futura Rainha de Portugal, ao casamento da Rainha Estephania, tia avó da Noiva do Senhor D. Manuel, e vai ainda passar-se em sua vida, talvez no ontommo d'este anno, o casamento de El-Rei D. Manuel.

E' esta senhora Marqueza de Rio Maior, cuja retentiva é um precioso cartorio de documentos historicos, que nos vai traçar a primeira parte do retrato de Sua Alteza Serenissima a Senhora D. Augusta Victoria, e que primeiro nos habitou a poder dizer ao paiz quem é a futura Rainha de Portugal.

E' um vasto e enlevador assumpto, o retrato da graciosa Rainha Victoria.

Mas antes de Sua Alteza Serenissima o Principe Hohenzollern ir a Richmond apresentar oficialmente sua augusta filha, a Princeza Victoria, á Rainha Senhora D. Amelia, o que consta fará em Junho proximo, antes, já nós teremos acabado de dizer-vos quem é a futura Rainha de Portugal.

Joaquim Leitão.

COVEIROS

«A abrir uma cova, e a cantar. Aquelle homem não terá o sentimento do que está alli fazendo?» Assim exprime Hamlet o seu espanto, perante o coveiro, que trauteava uma aria, enquanto, ao mesmo tempo, ia rasgando na terra-mãe o ultimo leito da pobre Ophelia.

«O habito, — responde, ao Principe da Dinamarca o seu companheiro Horacio, — familiarizou-o com a profissão.»

Parecem-se todos, uns com os outros, os coveiros, — concluiremos nós. Porém a consciencia dos seus actos. Só se impressiona quem está de fóra, e não pertence á fatal corporação.

Desculpem os leitores metaphoras tão lugubres.

Influencias do tempo, pouco alegre, na verdade, para nós outros portugueses.

Lugubres, sem duvida, mas exactas, e adequadas no fundo.

Pois o que é, afinal, todo esse furor jacobino, d'exasa e picareta (não fallando no compasso e no esquadro), — e mais a sua faina incansavel dos ultimos cinco annos, — senão um «coveiro a abrir uma cova?»

E esse sangue-frio, entre olympico e aggressivo, com que se conduz uma Nação inteira pelo caminho das desgraças irreparaveis, — como ha de chamar-se-lhe, na mais benevolente das hypotheses, senão a inconsciencia de quem,

uma vez crystallizada nas rotinas do exclusivismo sectario, já de todo perdeu o uso das facultades normaes da intelligencia e definitivamente embocou as sensibilaridades do coração, proprias do commum dos homens?»

Uma Nação é um equilibrio complexo formado através dos seculos, por acções, e reacções reciprocas, dos seus componentes internos, e elementos exteriores.

O espirito e o esforço dos Homens, por um lado, e a Natureza, por outro lado, entram, como termos activos, na constituição d'essa formula d'estabilidade.

E essa formula d'estabilidade, ou esse estado d'equilibrio, são, n'um dado momento, aquillo que os antecedentes historicos, e as leis necessarias da transformação evolutiva, ordenam que sejam. Isso, e não outra coisa.

Isso, que se traduz por uma realidade

feita a machado e a enxó. Ou com a machadinha de pedra dos Troglodytas, que, afinal, tambem é bom instrumento para obras d'este genero.

Assim a Republica se divorciou do Paiz.

Este, por seu lado, está compreendendo os perigos da aventura em que se encontra mettido.

Acalenta, de ha muito, nas suas intimas aspirações, um programma seu, que não vê meio de realisar: O engrandecimento pela Paz e pela Ordem internas, pela expansão do Trabalho, pela elevação das Classes mais desajustadas da fortuna, pela exploração do solo, pelo desenvolvimento da marinha mercante, pelas escolas, pela technica, pelas officinas. Finança, e pura administração.

Tomando os exemplos da Italia, e as lições de Luzzati, reconstituir totalmente a prosperidade agricola, pela sciencia, pelo cooperativismo, pelo Credito. Escla-

eil de demonstrar sem grandes dispendios de logica.

Tudo isto pensa, e tudo isto reconhece, o Bom Senso Publico, dentro do fóro da sua Consciencia.

Falta só exteriorizal-o devidamente.

Henrique de Paiva Couceiro.

Os bons tempos da tropa

O Zé Maria

Uma verdadeira tragedia aquella instrucção de recrear na escola do alferes Zé Maria — pittoresca alcinha, porque nós o conheciamos.

Uma verdadeira e completa tragedia...

Não porque, na realidade, Zé Maria fosse um mata-moios feroz.

Não, senhor! Pelo contrario, apesar de muito telhudo, de extremamente telhudo, Zé Maria, fóra da parada, era bondoso para as praças e em todas as instrucções, que não demandassem vozes de commando, d'uma paciencia evangelica.

Bom instructor, era até modelar a maneira como elle miustrava a «preliminar de tiro».

Com que extremo cuidado, com que minucioso *savoir-faire*, elle ensinava aos seus galuchos a theoria do mecha-mismo de disparar, a acção progressiva e lenta do dedo sobre o gatilho, com que escrupulosa attenção elle seguia a vagarosa elaboração dos triangulos no alvo!

Levava tempo mas ficava coisa acceida e até, em Pedrouços, na carreira, se distinguiam os soldados da 4.ª, pelo conhecimento da causa, com que iam para a linha de tiro, pela confiança e segurança com que tomavam da Mauser, a apontavam e faziam belas séries.

Se até nós outros, das restantes companhias do batalhão, conseguíamos assistir, sem nos lembrarmos de rir, á complicada manobra do *pisca-pisca*, que mais não era o exercicio repetido de fechar o olho esquerdo para tirar a linha de mira e que Zé Maria dava em conjunto aos 50 e tantos recrutas da sua companhia...

Figure-se o leitor a companhia de fileiras abertas e Zé Maria «mandando»:

— Abrir e fechar o olho esquerdo em dois tempos! Escola: attenção!

E logo:

— Um!

E tudo fechava o olho em questio...

Depois:

— Dois!

Tudo voltava ao seu estado normal. O exercicio repetia-se, accelerando a vadenacia: «Um! Dois! Um! Dois!» e era altamente comico, ouvir, a meio, Zé Maria, entusiasmado:

— Um! Dois! Um! Dois! Mais rapido!... Um! Dois! Um! Dois! Troca o olho, 49!

Era o 49, que se enganava e fechava o olho direito, em vez do esquerdo.

Pois nós viamos isto tudo sem rir. Demais, era o *Regulamento de Tiro*, que se preceituava...

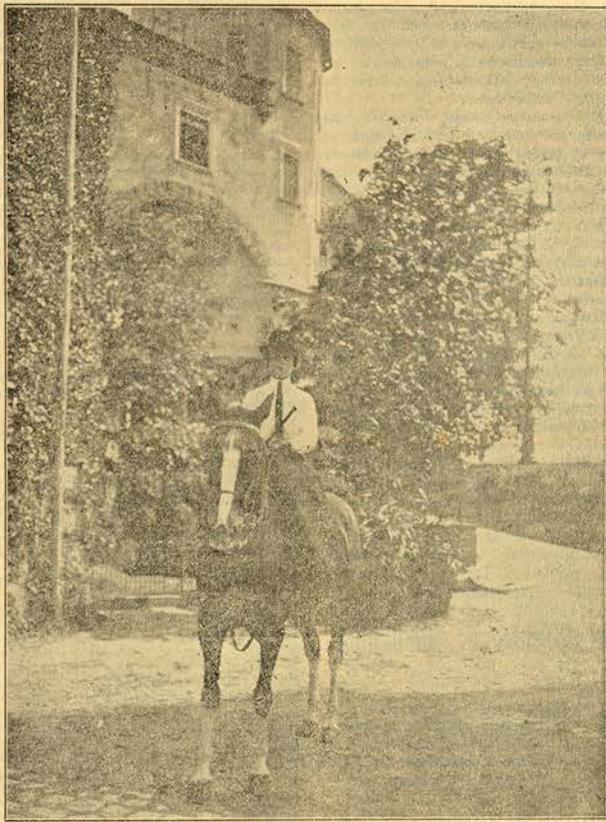
Mas na *instrucção tatica*, principalmente nas primeiras lições é que era a *tragedia*, a *grande tragedia*.

Zé Maria sentia que a paciencia toda lhe fugia, pelo tempo do *bonet*.

Elle emphrenesiava-se, elle berrava, elle quasi chorava, batia os pés no chão, enfurecia-se quando os «movimentos» não eram simultaneos. Um pavor!

A coisa a principio começava, bem: Zé Maria explicava com toda a clareza, executava elle proprio o exercicio que queria. E todo elle era:

— Pois se vocês, rapazinhas, perce-



S. A. a Princeza Victoria de Hohenzollern, passeando no parque do Castello de Sigmaringon

concreta e palpavel, com as suas determinadas caracteristicas, feitos e tendencias, com as suas definidas qualidades, atavismos e preconceitos, — existentes de facto, e insusceptiveis de desaparecer, ou de modificar-se de um instante para o outro.

Isso, que tem de tomar-se forçosamente como ponto de partida para outras transformações evolutivas, conduzindo a Patria a novos estágios da sua vida immortal. Entrar com a taboa raza no desenvolvimento de phenomenos d'esta ordem, não chega a perceber-se que caiba dentro de qualquer senso commum, por modesto e mediano que seja.

E, todavia, coube dentro da transcendencia genial dos nossos incomparaveis demagogos.

Taboa raza, eis, com effeito, o seu programma. Nem mesmo foi possivel, até agora, descobrir-lhes outro diverso d'este.

Taboa raza, sem palliativos, sem compiacencias, sem transições. Patria Nova

recer a acção do fomento governativo, por meio de serios inqueritos, agrario, e ás Industrias.

Economia social, em resumo, e guerra ao politiquismo. Voz ás Camaras de Commercio, d'Industria e d'Agricultura, ás Corporações profissionais, aos orgaos, emfim, da Produção e da Riqueza.

Credito, e boa Diplomacia, indispensavel, demais, n'um Paiz de Colonias esparsas.

Boa Diplomacia tivemos-a já sob os patrioticos auspicios d'El-Rei D. Carlos. Mas o advento da Republica, quebrando a tradição historica e o laço das solidariedades inter-monarchicas, enfraquecen, desde logo, muitissimo, as nossas defezas internacionaes. E o desconceito em que o actual regimen veio a cair depois, aggravou ainda a situação.

O mesmo desconceito nos está prejudicando o Credito. As correntes da sympathia financeira ligam-se fundamentalmente com a boa politica do socego e do juizo, que a Republica nem nos deu, nem pôde vir a dar-nos, conforme é fa-

lares de educação; a atarrachar a tutela governamental sobre os seminários e respectivo systema da educação preparatoria; a substituir ao padroado real e catholico sobre a igreja um monstruoso padroado republicano e ateuo, prohibindo que, enquanto o governo assim o julgue conveniente, entre um novo parochio em exercicio de funcões sem autorisação administrativa; a requintar o beneplacito! A um fanatico e violentissimo regimen de separação associaram-se paradoxalmente institutos só concebíveis em paiz de religião de estado e onde o sacerdote é de certo modo um funcionario publico; — tal a tutela sobre os seminários, tal o beneplacito, tal o padroado.

Como se facilidades historica e logicamente exclusivas do Estado, quando assume a missão de proteger o catholicismo, pudessem coexistir com a neutralidade religiosa do poder, ou com a sua declarada missão de exterminar a religião catholica! Nada mais monstruoso que intervir o Estado não só ateuo, como especialmente anti-catholico, na escolha de parochos, no ensino de seminários, e na publicação por individuos, que não são de nenhum modo funcionarios publicos, dos diplomas religiosos. Neste ponto estabelece-se uma odiosa e vexatoria censura previa.

Não era necessario tanto para lisonjear a carbonaria, com que o sr. Affonso Costa contava incondicionalmente, e que accoritaria como ouro anti-clerical de lei quanto o ministro da justiça do governo provisório com

tal houvesse por bem impingir-lhe, mormente desde que um decreto toleravel sobre cultos fosse precedido d'um furibundo relatório e mata-frades, contra a reacção, o obscurantismo, os jesuitas, o Syllabus, a alma penada da Inquisição... e os mais ritornellos obrigatorios na propaganda anti-catholica.

Era, porém, sina do sr. Affonso Costa como dos mais dirigentes republicanos, governar o paiz, fazendo-lhe opposição terrorista e populaceira, e com o desapego a principios e soluções praticas, que é a feição politica dos agitadores.

O que melhor caracteriza o jacobinismo que o septimismo rhetorico e sophistico com que se invocam as liberdades individuais e a soberania nacional em todos os quotidianos attentados á liberdade do cidadão e á soberania do povo. E nada mais previsto e natural do que os propagandistas, agitadores e revolucionarios, alicados ao poder, converterem o governo em propaganda, agitação e revolução permanente, a coberto e até com o auxilio da força publica.

A republica portugueza tem sido o que tinha de ser, dados os elementos que a lograram implantar, aproveitando os erros da monarchia. Das consequências d'estes nasceu, e está destinada a viver só d'ellas e só enquanto ellas durarem. Irá até onde fór a velocidade adquirida do bamburrio inicial.

Fernando Martins de Carvalho.

AS CADEIAS DA REPUBLICA

Padre José Pinheiro Marques

Actual Prior d'Alcantara



Padre José Pinheiro Marques

O Padre José Pinheiro Marques, o actual prior d'Alcantara, apesar de relativamente novo, tem saboreado quasi todas as sensações que a demagogia offerece aos conservadores.

Falta-lhe a fogueira, porque o constitucionalismo a apagou em 33, e a guilhotina, porque a Republica, — certa de que se veria a braços com novas dissidencias partidarias, tantos seriam os candidatos a requerer, a exigir o lugar de Deibler, — não a implantou, reconhecendo a impossibilidade de dar a um correllionario só o monopólio de carrasco.

Nascido em 71, n'um tecto humilde do Figueiró da Granja, concelho de Fornos d'Algodres, o Padre José Pinheiro Marques cursa o seminario de Vizeu, e, como sub-director d'um collegio de Vizeu, e depois do Collegio de Lamego, chega á Missa Nova, dita na parochial de Figueiró.

Praticando as admiraveis resignações do cura d'aldeia, que só o clero secular portuguez conhece e padee, percorreu as parochias da Villa Chã, de Muxagata e Abraveços,

o Algodres, até que as suas facilidades de predicador e evangelista o tornam precioso em Lisboa, onde entrou pela freguezia de S. Christovam, para ficar, enfim, na parochia d'Alcantara.

O homem, habituado a trabalhar para se ordenar, trabalha, então, ainda mais, n'um bello impulso d'actividades.

É professor na Escola Academica, de Lisboa, é um dos oradores mais frequentes e mais escotados da Juventude Catholica e do Circulo Catholico, faz jornalismo, faz publicidade, faz evangelismo.

As chagas, acostumadas a vêr o clero secular reduzido a um amonestado da Igreja, chamam-lhe reaccionario. E o crençe, que, nas conquistas scientificas modernas, se embebe de nova fé, traça o seu conhecido livro — *O Socialismo e a Igreja*.

Em fevereiro de 1912 o Padre José Pinheiro Marques confirmava as suas crenças, respondendo no Tribunal da Boa-Hora por transgressão á Lei da Separação.

Em 24 de maio do mesmo anno era preso, na rua do Ourro, accusado d'agitador.

Era o primeiro preso, apenas a primeira. Soltos dias depois, em 8 de junho de 1912 era agredido no Chiado, e levado, sob prisão, para o Governo Civil, d'onde o remettem em liberdade, no dia immediato.

Dois mezes mais tarde, a 17 d'agosto, tornaram a prendel-o na sua terra natal, á ordem da 1.ª Divisão Militar. Seis dias de sentinella á vista, na cadeia de Fornos d'Algodres, e depois Lamego, para mais doze dias de incomunicabilidade.

Subitamente tiram-o do Lamego, para... dar um passeio em carro cellular até ao Castello de S. Jorge. Dois mezes e meio depois tornam a levá-lo para o Lamego.

A 20 d'abril de 1913 foi posto em liberdade, sem julgamento, por falta de provas para a pronuncia.

Sete mezes preso, sem pronuncia, não é banal.

Se o actual prior d'Alcantara não fosse já uma figura conhecida, as cadeias da Republica não o chamariam tomado colobra.

Quando o Padre José Pinheiro Marques passasse na rua ou na conversa, dir-se-hia: — «É o que nas cadeias da Republica esteve preso sete mezes, sem culpa formada!»

Mas como decerto não é o unico e havia o risco de confusões, o melhor é continuar a tratar o actual prior d'Alcantara, pelo seu nome: Padre José Pinheiro Marques.

Carta de Lisboa

A gente pergunta, admirada, a si mesmo porque subsiste uma coisa a quem acabam de quebrar as primeiras escoras e porque ainda está de pé um edificio cujos primeiros constructores acabam de soffrer a... morte civil. Porque não sabemos se os senhores já repararam que os ultimos acontecimentos trouxeram

mais uma prova evidente da falta de base politica e social d'essa coisa que para ahi se fez em 5 d'outubro de 1910, com a complicitade de alguns falsos servidores da monarchia, que não sonberam defender a sua honra, defendendo o regimen que serviam. Enquanto, n'uma triste madrugada, dois authenticos heroes da Rotunda eram mettidos no porão do «Cabo Verde» e levados para uma fortaleza bem afastada do campo do seu... heroismo, aqui, em pleno parlamento, o heroe maximo, o sr. Machado dos San-

tos — que o mesmo é dizer: a Rotunda, os vivos, á gloriosa republica — soffria a desautorisação mais vergonhosa, recebia a botetada mais forte, que bochechas humanas têm supportado.

Nós assistimos, infelizmente, a essa sessão na camara dos deputados. E dissemos infelizmente, porque como portugezes temos sempre vergonha de ver dominado aquelle estendal de miserias, que é o parlamento, em que não luz um cerebro esclarecido, onde tudo são paixões ruins e odios mal occultos.

Tinha fallado contra a apprehensão de jornaes — obra do liberalissimo governo que tem o poder — o sr. dr. Antonio José d'Almeida. Bem batidos aquelles rr da sua rhetorica retumbante, puxadas com força aquellas imagens boas que fizeram época nos comicios, pôde dizer-se que do seu discurso não saiu uma affirmação de valor. Parecia ter receio que o mestre-escola, que n'este caso era o sr. Affonso Costa, lhe desse duas palmatoadas. A resposta do chefe do governo foi uma rabulice. Fallou, fallou, fallou, mas dizer a razão da apprehensão dos jornaes e a lei em que se fundamenta para semelhante violencia foi coisa que lhe não chegou á lingua. O sr. Antonio José retorquiu, mas foi peor a emenda que o soneto.

Conbe a vez ao sr. Machado dos Santos de dizer da sua justiça sobre o assumpto. Tinham-lhe chegado a roupa ao pello, apprehendendo o Intransigente, vinha-lhe vontade de reclamar. O seu dever seria, incontestavelmente, como aliás o de todos os jornalistas, que tem logar no parlamento, (e não são poucos) protestar contra tão violenta medida logo após a apprehensão de *O Dia* e da *Nação*, seus inimigos politicos, mas jornaes acima de tudo. Mas qual? Eram *thalassas*, não valia a pena. Calou-lhe o raio em casa e eilo a gritar com quanta força a sua voz ronca lhe permitia, que era um ataque á liberdade, um atropelo da lei, uma violencia inqualificavel.

Tudo aquillo estava muito bem, mas o melhor tinha ainda de surgir. E vai vêr-se que na verdade foi um successo de appetite.

O heroe da Rotunda começou a certa altura do discurso a occupar-se da sua personalidade, dirigindo repetidas *biscas* ao chefe do governo. Fallou dos ataques que lhe tem sido feitos e affirmou que o deputado Manuel Alegre sabia quem tinha mandado soltar um individuo, que tinha sido preso por pretender assassinal-o, a elle Machado dos Santos.

O sr. Manuel Alegre ergueu-se do seu *fanteuil* e declarou textualmente o seguinte, que lhe ouvimos palavra por palavra:

— «V. Ex.ª mente. De si recebi eu um convite para ir a sua casa, onde me pediu que fosse a Aveiro insubordinar infantaria 24, pelo facto de eu alli dispôr de alguma influencia, confessando-me o seu intento de por este modo dar cabo do sr. Affonso Costa e Bernardino Machado. Appelo para o testemunho do sr. dr. Moura Pinto, deputado, a quem por collaboração em tal serviço offerecia o logar de director geral de instrucção publica.»

Tableau!... E foi uma vez um heroe da Rotunda pelo alqapão.

O aspecto da camara era alguma coisa digno de vêr-se. O presidente do governo ria de contente, como quem tem a satisfação de vêr afundar-se em lama um inimigo. Aquelle riso era bem eloquente. Era toda a psicologia do sr. Affonso Costa. Nem as apostrophes dos seus correligionarios, afirmando que ainda havia factos mais graves, nem os gritos dos *meninos* do sr. Antonio José, pedindo que dissessem tudo, nem a desgraçada situação do heroe da Rotunda, — nenhum d'esses factos nos prendem tanto a attenção como o riso *mephistophelico* do sr. Affonso Costa. Era de vêr. E não sabemos porque, mas deu-nos a impressão que assim rirá no dia em que

vir afundar-se definitivamente a ultima taboa podre d'esta caranguejola que é o regimen que elles defendem.

E elle lá sabe porquê...

Quarta-feira 7.

Raul.

Perfumaria Balsemão

RUA DOS RETROZEIROS, 141

Telephone, 2.777

LISBOA

Chronica militar

Paris 2 de Maio de 1913.

«A DEFEZA DE CHAVES»

Meu Caro.

Chegou finalmente ás minhas mãos a «Defeza de Chaves, em 8 de Julho de 1912 — subsidios para a historia do Regimento de Infantaria n.º 19», cuja remessa o meu amigo me annunciava ha dias.

Muito obrigado pela lembrança que acho realmente muito interessante sob todos os pontos de vista.

Quer então que eu lhe diga o que penso sobre o livro e sobre o seu auctor — o Tenente-Coronel Augusto do Carvalho — não é assim?

Pois então ahi vai, com a devida vénia a quem dirige este jornal. Compreendo bem que só terá a contar com poucas linhas fugidias, que tanto é o que se pode exigir d'uma rapida leitura, feita d'um folégo e a correr — tamanha era a curiosidade de lêr tudo até ao fim e no mais breve espaço de tempo.

Embora se incidentalmente me referir ao *Combate*. Mais tarde, nas mesmas columnas d'este jornal, Joaquim Leitão, com a sua penna brilhante e a sua prosa viva e entusiastica, com a sua grande probidade e bem documentado como está e é de seu uso sempre trabalhar, lhe dará em capitulos cheios de interesse e bafejados pelo grande sópro patriótico, que o anima, a impressão do que foi, na realidade, do lado da Columna Monarchica, essa acção memoravel.

Hoje a minha intenção é simplesmente manifestar-lhe, qua a minha impressão pessoal e geral sobre o livro e o seu auctor.

Absolutamente mais nada.

Confesso-lhe que abri o folheto com interesse e — quer crêr? — até com sympathia. Já um dia tive de trabalhar em investigação historica e sei bem que coisas preciosas são estas monografias, quando escritas com seriedade e honestidade.

E a «Defeza de Chaves» tinha obrigação de ser um trabalho honesto e digno.

Que diabo! Um Tenente-Coronel commandante d'um corpo não é um *lôrrabças* qualquer, armado em escriba, que se sujeita ao tristissimo papel de, por um lado, incensar o gallo que está no polvoreo, enquanto, por outro, vai vomitando sandieços e insinuos grossieiros á torpes sobre camaradas, que muito se hauram de não pensar como elle pensa.

Depois, o Ministerio da Guerra que «approvava a publicação», e, consoante na capa vem exarado, certamente era porque o trabalho revelava estudo, seriedade, imparcialidade, comedido na linguagem, linha e consciencia das suas responsabilidades e da sua categoria por parte do auctor.

Ao defrontarem-se-me, pois, as *Considerações prévias*, não tinha a mais pequena sombra de duvida de que iria lêr um trabalho tecnico, escrito por um *official*, com isura, sem espirito de partido, uma completa abstenção de comentarios politicos, na louvavel intenção enfim de fornecer aos historiadores futuros material sólido, sobre que pudessem porventura assentar os seus juizes relativos á perturbada época, que vamos atravessando. Mas abre-se o livro e tem-se uma desillusão...

Não porque o Tenente-Coronel *minta* muito. Aparte varias inexactidões de importancia relativamente secundaria; tirada aquella desculpavel mania (a carne é fraca...) de querer passar pelo Carnot flaviense, o potente *Organizador da victoria* das margens do Tamaga; fóra aquelles esquisitos de fel venenoso, diluidos systematicamente pelas oitenta e tantas paginas do folheto (e isso é lá entre elles...) — a «Defeza de Chaves» não mente muito, vamos indo com Deus.

E nem tal admira, porque, como todos sabem e até o proprio Tenente-Coronel do 19 o não ignora, não ha nada mais verdadeiro que a Verdade, que, conforme referiam os antigos, anda sempre, quer se queira, quer se não queira, ao de cima como o azeite.

Assim elle não se pôde furtar, bem mau

grado seu, estamos certos — a reconhecer que a acção de 8 de Julho de 1912 foi um *vide combate* (pag. 32); que os *rebeldes* demonstraram *ousadia* (pag. 33); que, a certa altura, a acção esteve perdida para a defeza, n'um panico indescrivível, que se adivinha, através de muitos adjectivos *atenuantes*.

Esquece-se é certo, quando se acoberta a *nossa superioridade numerica* (a que adiante nos referiremos, de consultar os seus «Regulamento de Tactica» e de *Campaña*, e d'ahi ler, n'uma rapida vista d'olhos para refrescar a memoria, o capitulo referente á *Defensã*, com todas as vantagens para quem *combate a caza a palmas*, por lá viver desde *tamanha*, para quem por muito extenuado, que estivesse, não o estava certamente nem a vigesima parte do que iam aquellos, que tinham a juntar aos inconvenientes da *Offensiva*, operando em terreno descoberto (*tambem* vem isso nos *compendios da Tactica*...), e ligadas e leguas, *atravez da serra*, por duros trilhos.

O Tenente-Coronel Carvalho *não mente pois muito*...

E até, sem querer, (o fazemos esta declaração para o não malquistar com o governo da sua querida republica, até sem querer nos presta um grande serviço: fazer com que o leitor imparcial e consciencioso, nem monarchico nem republicano, reconheça o grande esforço, o grande e *inesperado* esforço, que teve de dispendir o atacante, durante otto infernaes horas d'um infernal dia de verão...

Mas quando o Tenente-Coronel Carvalho se revela o que é, quando elle mostra á sociedade o apurado cadinho, em que se temperou o seu caracter, quando enfim a mascara lhe caba de vez, vem a ser, sempre que a nós se refere.

Imagae o meu amigo, que nos reserva inalteravelmente o epitheto graciosissimo de *Bando!*

Já é ser gentil, porque sabe magnificamente o *hoje vermesissimo* individuo, que tomou o insulto, por mais soez que elle seja, passando pela sua boca, transforma-se para nós n'um grande elogio, d'um inestimavel louvor.

Deus nos livre de sermos considerados homens do bem pelo Tenente-Coronel Carvalho. Seria evidente signal de que o não eramos na realidade... Deus nos livre!

Ora elle poderia deixar de se nos referir, quer directa, quer indirectamente, ou ainda poderia englobar-nos na lata e vaga designação de *inimigos rebeldes*, etc.

Era digno, e, neste caso, eu estaria calado, vindo em silencio aquella estadia do heroismo, que de resto, não nos ferem nem nos incommodam, nem... mesmo injerimos...

Embora praticados *contra nós*, elles proviriam sempre de officios e soldados portuguezes, nos quaes não será *só por isso*, que lhe havemos de querer mal...

Mas o Tenente-Coronel Carvalho não pensa assim e anda bem e, logo a paginas 12, nos define d'este modo:

«Bando de rebeldes mercenarios, sem disciplina, sem ideal e sem fé.»

E quasi no fim do seu poema, acrescenta estas eloquentes palavras:

«... pela coragem e dedicacão patriótica e republicana dos officiaes e das praças, opposta á ausencia de fé e de devocão civica de um bando de mercenarios, arrastados pelo interesse da paga á defeza de uma causa ha muito perdida.»

«Mercenarios sem ideal e sem fé, arrastados pelo interesse da paga...» vá o meu amigo molando...

Pela nossa parte, *por agora*, limitar-nos-hemos a ir apontando, cuidadosamente, no nosso *Carnet*, estas palavras — com a «*competente indicaçã do autor*», para maior e futura gratidão. Ellas não seriam de admirar, quando lidas em qualquer papelucho lá da *grey*, mas espantam, quando as escreve quem veste uma farda de official e tem uns galões dourados no braco.

Espantam, embora não magoem, porque é bom que o Tenente-Coronel Carvalho saiba que os da Colunna de Galliza tem tamanha consciencia do seu dever cumprido, da sua abnegação, do seu espirito de sacrificio, que não são as suas palavras, que lhes fazem mossa. Póde crê-lo!

E póde crêr tambem que nenhum de nós — desde o glorioso soldado, que é Couceiro, ao mais humilde e obscuro dos do tal *bando* — trocaria nunca nem a sua fé, nem o seu ideal, nem o seu caracter, nem o seu roto e desbotado fado de *bandoleiro*, pela fé, pelo ideal, pelo caracter, pelos galões dourados e pelas douradas dragonas de tão preclaro cavalheiro.

Extranha psicologia esta nossa, não é verdade?

Não a póde, na realidade, comprehender o Tenente-Coronel Carvalho, que ao dirigir, da muralha do quartel, o seu Zeiss, em 8 de Julho, sobre o caminho de Sanjurgue, distingue a longa fila do *Bando*, que desce da serra sobre a Veiga e sobre Chaves. E que não tem, n'aquella grave hora da sua vida, a morderna sua consciencia o remorso de ir atirar sobre e estancarte, que o tal *Bando* traz desfraldado ao vento, mesmo que n'outros tempos não muito longinquos elle jurou defender, até com sacrificio da propria vida, o mesmo que cobriria até á última morada — se uma aventura politica, para que elle não mettesse

nem prego nem estopa (pelo menos com risco e com coragem), não o houvesse substituido na base da bandeira do seu regimento...

Que o tal Tenente-Coronel nos vá chamando *Bando de mercenarios sem fé*...

Como lhe approvou, pois para nós é o mesmo.

Todavia, deixe-me o meu caro amigo, lembrar-lhe que o tal *Bando* tinha por uso procedure assim, como, em duas palavras, lhe vou narrar:

— Em Gasaros, a 7 d'outubro de 1911, Paiva Couceiro poderia ter aniquilado com duas ou tres descargas a cavallaria de Mala Magalhães: 80 duzentos ou tres descargas mais! Pois não o quiz fazer por um d'aquelles escrúpulos honrados de «não bater em quem fugia».

— Em Pinheiro Velho, a 8, Couceiro não só impede que seja maltratado um guarda-fiscal, que se havia defendido a tiro, como até lhe manda dar uns tantos reis para ajudar o tratamento da mulher que tinha doente.

— Em Soutelinho da Raia, a 7 de Julho de 1912, é capturado um fulanico qualquer, accusado, pelos naturaes da terra, de ser carbonario: á sentinella não se contém, que não lhe diga duas palavras azedas. Pois o capitão Luiz Ferreira, que, honra lhe seja, indignadissimo, reprobando a sentinella, a manda immediatamente substituir, dizendo: «Um prisioneiro é sagrado!»

Fallavam assim e assim procediam os do *Bando!*

No mais accoso do combate de Chaves, quando a nossa linha de combate atinge o espaldão da Carreira de tiro, Couceiro dá ordem, que n'um pobre soldadinho do 13, ferido, que ao ouvir em volta de si fallar portuguez, tem esta phrase:

— Mas então os senhores são portuguezes?!

Vá o meu amigo vendo que processos de propaganda.

Pois Couceiro manda que dois homens icem uma bandeira branca e vão levar o pobre rapaz a Chaves. A ordem não tem completa execuçã, porque os que transportam o ferido a certa altura, já a caminho, são vicia, e instantaneamente alvejados pelos defensores da villa, que na sua furia de despejar tiros não poupam, antes alvejam os feridos proposadamente, mesmo quando transportados á reatguarda, para as ambulancias.

Compare agora o meu bom amigo o procedimento dos *bandoleiros*, com o d'aquelles que autorisaram (o, quem sabe, se promoveram) as maiores affrontas aos feridos, aos prisioneiros e aos mortos, deixados no campo de accção; d'aquelles que permitiram que os mortos fossem despojados, n'uma verdadeira rapina, até dos seus factos; d'aquelles que não tiveram uma palavra de protesto e de humanidade para verberar os canibaeas, que chezaram á infamia de retilhar á navalhada ou cousa parecida, as caras dos que sobre terreno da lucta jaziam!

Mas se assim era preciso para dar maior *côr local* ás miseraveis photographias da *Illustração Portugueza*, com os seus grupos macabros dos pobres martyres anónimos da *Causa*, a que haviam dado a vida!

Abente tudo isto, que é *retrospectivamente exacto*, e diga-me depois da que lado estava, n'esse dia 8 de Julho, a verdadeira alma portugueza, generosa, Clemente, cavalheiresca, se do lado dos taes 150 *salafristes* a que o Tenente-Coronel Carvalho se refere economicamente, (porque soldados portuguezes seriam incapazes de commetter taes infamias) — se do tal *Bando* *eu*, que levava bastarda á velha bandeira de Augra, das Antas, de Coelha de Chaimite, do Guatamo e dos Demabos!

Diga-m'o com franqueza!

— *Mercenarios sem fé, sem disciplina e sem ideal!*

Extranhos mercenarios, que sem dinheiro quasi, privados durante longos mezes do mais rudimentar conforto, sem saber qual o dia d'amanhã, encontravam em si a força moral, bastante para correr, como se correm cães á pedralha — os officiaes e sargentos espíes, vindos á Galliza em missões de propaganda.

Admiráveis indisciplinados, para os quaes — durante 8 mezes de acantonamento — não foram precisas as prescrições de um qualquer Regulamento Disciplinar, para manter a ordem e a disciplina.

Miseraveis soldados sem fé e sem ideal, que após rudes marchas quasi sem comer, soffrendo dez vezes mais d'aquelles mesmos soffrimentos, que o Tenente-Coronel Carvalho tanto enaltee nos seus subordinados — nos quaes, segundo a sua propria confissão, nunca fallou nem pão, nem bolacha, nem rancho, nem presunto, nem vinho, nem agua, ao passo que aos taes miseraveis rebeldes tudo faltava — encontravam forças para se aguentar durante horas e horas, um dia inteiro, n'uma offensiva vigorosa, empenhada até ao ultimo soldado da ultima reserva, contra um adversario occulto, bem entrenchinado, bom conhecedor do terreno!

E que tendo tudo contra si, desde a disposicão topographica do solo ás condições climatericas do dia — um tórrido dia de Julho — chegaram, n'um *élan* admiravel, a levar uma vez de *vencida*, obrigando-os a uma retirada desordenada e cheia de panico (é o mesmo Tenente-Coronel, que ainda o confessa a pag.

40) aquellos proprios, por quem elles esperavam ser acolhidos, como irmãos, de braços abertos!

Extranhos bandidos!

Não! Os officiaes o praças da Colunna de Galliza, hoje dispersos por todo esse mundo de Christo, podem e devem manter-se de cara levantada e consciencia tranquilla!

Não envergoharam nem a sua bandeira, nem o seu Rei, nem a grande alma de soldado, que os levava ao fogo!

Que essa validade lhes seja consentida!

Quanto ao mais, é deixar fallar o tal Tenente-Coronel...

Superioridades numericas e superioridades d'armamento do nosso lado — quantas elle entender.

350 Mausers com a dotação individual e unica de 120 cartuchos. 2 peças ligeiras de montanha, e duas espingardas metralhadoras *Madsen* (que, por se terem demnificadas durante a marcha, não fizeram um unico tiro). E aqui tem o meu amigo com o que se combatem contra uma dyrrada de 49.000 cartuchos, que bem tinham obrigação de nos matar lá a todos...

Quanto á bandeira, porque nos batemos, essa entrou imoculata em Sindim, em 6 de Julho de 1912, nas mãos valentes de Manuel d'Azavedo Coutinho. Vencida sahiu, em 12, nas alturas da Gironda e do Monte do Grou, levada então por essa alma intrépida, que desconhece em absoluto a *côr do melão* e que se chama Rodrigo de Castro Pereira.

Vencida sim mas sempre e eternamente, para a maior honra da Patria portugueza, e n'aste a *pequena* das suas glorias inapagaveis!

Hoje guarda-a, quem tem todo o direito a te-la por companheira: aquelle que galhardamente e penitenciosamente a hastesou durante dois annos: Paiva Couceiro. Está em boas mãos!

Se alguma flocin no campo de Chaves, essa seria propriedade particular, encontrada no *saque* feito aos feridos ou arrancada, *para trophy*, do corpo regelado do qual quer obscuro soldado, a quem, no grande somno, ella servia de consoladora e bendita mortalha!

Nunca a da Colunna!

Tenente Satorio Pires.

O Retrato de
Sua Alteza Serenissima
a Princesa Augusta Victoria
d'Hohenzollern-Sigmaringen

que publicamos no numero anterior, esplendidamente reproduzido em bilhetos postaes, está já á venda.

Cada postal 50 reis

Descontos aos revendedores

Os nossos assignatnos tem o desconto de 20% — franco de porte.

PEDIÇOS

No Porto — Administracão de «O Correio»
Rua Passos Manuel, 177-A.

Em Lisboa — Agencia de «O Correio»
Largo de S. Paulo, 12-1.

Tambem se encontrarão á venda em algumas tabacarias do Porto, Lisboa e Coimbra.

PORTUGAL A MINGUAR

Muito pela rama, como sómente póde fazer-se em artigos curtos destinados a um jornal de pequeno formato, mostrámos já n'estas columnas quanto na realidade Portugal progrediu durante os sessenta annos de relativo socego em que a monarchia constitucional foi dado exercer a sua obra constructiva. Entre outras provas numericas d'esse progresso citámos, como inegavel demonstracão de bem-estar, o consideravel augmento manifestado pela populaçã nacional, salientando que em 46 annos, de 1864 a 1910, esta cresceu de quasi dois milhoes, á razão de 43 por cento.

Perrante o que se está passando com o incremento da emigracão portugueza, de ha dois annos e meio a esta parte,

ninguem contestará que o nosso argumento cõlha por completo a favor da monarchia e contra a republica, porque a verdade é que, desde que na Rotunda raiou a anrora da Democracia, Portugal se despozva — e por uma maneira muito grave, como passamos a provar.

Diz-nos a estatistica official que em Janeiro findo a emigracão registada attingiu o nivel elevadissimo de 10.485 pessoas. A continuar assim — e o que se passou em 1911 e em 1912 bem indica que outra cousa não devemos esperar — teremos no actual anno uma emigracão minima de 126.000 individuos. Sabido como é, porém, que a emigracão clandestina regula por 15 por cento da registada e fazendo entrar no calculo esse elemento de *correccão*, sobe-nos o total provavel para 1913 a 145.000, números redondos. Ora como o augmento medio da populaçã portugueza (differença entre nascimentos e obitos) tem sido nos ultimos tempos de nos 57.000 individuos annualmente, somos levados a concluir, sem sombra de duvida, que a republica tem tido o effeito — que aliás continua a produzir — de tornar Portugal... menor do que era!

Menor, quando devia estar maior! Se os numeros que tem vindo publicados na imprensa de Lisboa são aproximados da verdade, como certamente são, em 1911 emigraram 80.000 pessoas, em 1912 mais de 120.000 e em 1913 partirão 145.000. Total em tres annos... de redempção... 345.000 individuos!

Portugal tem hoje já hoje, maio de 1913, menos gente do que tinha em outubro de 1910. Portugal que em tres annos devia ter augmentado de 63.000 habitantes pelo menos, á razã minima de 21.000 almas por anno (que é o saldo do augmento medio deduzida a emigracão normal anterior á jornada gloriosa) não só deixou de medrar como se despozou de 174.000 dos seus antigos habitantes. Sommada a directa perda á paralyaçã do natural ganho demographico, vê-se que o prejuizo sobe a perto de 240.000 creaturas! Nem uma campanha desastrosa, em que fosse chacinado todo o exercito do activo e da reserva desde os generaes aos clarins, nos poderia ter causado a perda de tanta gente...

Proclama o actual governo, pela boca do respectivo chefe, professor a doutrina socialista. A sua comprehensão dos valores sociais comporta pois, como verba unica do activo nacional, o equivalente monetario do par de braços. Pois bem. Já esse governo calculou quanto representa em capital o prejuizo soffrido pela nação produzida pelo incremento da emigracão?

Ha pouco tempo um dos principaes estadistas canadianos, discursando em Londres, arbitrou em 350 libras esterlinas o valor medio de cada um dos emigrantes entrados n'aquelle dominio britanico no decurso do ultimo quinquennio. E' essa, portanto, a cotaçã mais recente do artigo humano não especialisado. Adoptando tal criterio, tem Portugal soffrido um prejuizo de 415 mil contos de reis como consequencia directa dos processos de emigracão que a republica tem exercido sobre a populaçã nacional...

Um quarto de milhão de habitantes e perto de meio bilhão de contos de reis em capital-bracos, eis as verbas certas e indiscutíveis que a nação tem de lançar a debito do seu balanço ao cabo de um triennio de gerencia republicana. E isto só no que respeita á sua demographia, sem entrar em linha de apreciaçã com a enorme desvalorisacão da propriedade rustica e urbana, com a baixa de todos os fundos, com o agravamento dos cambios, com o exodo dos capitães moveis para o estrangeiro, com o augmento dos impostos, com o descalabro das finanças do Estado...

E ainda ha quem ponha em duvida que a republica é a ruina!

Estuardo Lupi.

SEMANA MUNDANA

Um pouco de tudo

Esgriima - Grupo Arma e Sport - N'um dos ultimos dias, á hora em que nos grandes centros os «Cercos» e Salas d'Armas regor...

Ha bastante tempo que nos não encontramos e estavamos dispostos a aproveitar-nos d'esses momentos que o acaso proporcionava...

No predio que faz esquina para a rua do Correio, entraunos.

Um tilitar continuo de espadas vozes, de comando exclamações de - touche e á moi, chegavam até nós, ao subir as escadas.

Entramos no salão d'esgrima. Trabalhavam com animação extraordinaria. Seis atridores occupavam n'aquelle momento as pranchas, além d'outros que, em animada conversa, esperavam a vez de trabalhar.

Dez ou doze esgrimistas, em trages todos brancos, davam vida áquelle recinto, d'um tom artistico mas severo, onde sobressahia o ago pedido e brilhante de numerosas espadas cuidadosamente dispostas em elegantes armeiros.

Enquanto o meu amigo se dirigia ao vestiario, uma elegante e sala toda a branco e amarelo, com o seu lazear á inglaterra e balneario anexo, entraunos no gabinete da Direcção, onde um dos directores aavelmente nos recebeu.

Uma grande quantidade d' livros da especialidade, antigos e modernos, além d'uma completa collecção de tratados de duello, mostram o grande carinho com que se tem procurado reunir as melhores obras dos grandes mestres.

Vigeant, Marigrao, Grecco, Pini, Periss, Grisar, Doune - Sony, Angolo, St. Didier, etc., eis alguns dos poucos nomes que a memoria nos reteve do exame que passamos a tão selecta collecção de livros.

Pelo que podemos observar e pelas informações que amavelmente nos foram fornecidas, facilmente concluímos que nancia no Porto se trabalhou tanto como agora na nobre arte das armas, e, por certo, a realizar-se o vasto programa a de reuniões projectadas pela Direcção da Sala, facil é de prever que esta bello exercicio se tornará um dos mais favoritos da nossa sociedade, pela sua arte e elegancia.

Na sala onde todos os dias das 5 ás 7 e meia da tarde se reúnem os nossos melhores atridores, vimos os senhores:

Luiz Brandão de Mello, Adolpho Correia, Humberto Mendes Correia, Tenente Luiz de Oliveira, Tenente J. Ramires, Raul Santos, Capitão Antonio da Sousa, Achilles Muazo, Candido Motta, Almeida Cunha, Gabriel Moraes (Arthur), Dr. Sampaio Pinto, Humberto d'Ortizada, Nuno da Brito Cunha, Dr. José Maria Soares Vieira, David Ferreira (filho), Antonio Solinas, A. Gonçalves Basto, etc.

Penetrados pela gentileza como fomos recebidos, esperamos, em breve, poder assistir ás reuniões que a Direcção se empenha em effectuar, e só sentimos que as nossas occupaões nos não permitam dedicar a tão bello e util exercicio.

Chronica dos Theatros

O ensaio musical das discipulas de Oscar da Silva

Jardim Passos Manuel - No magnifico salão de festas do Jardim de Passos Manuel reunio-se n'uma das ultimas noites tudo quanto de distincto e apreciable de musica possuía a nossa sociedade para ouvir, mais uma vez, esse extraordinario concerto que algumas discipulas do grande professor Oscar da Silva, realisaram sob o modesto nome de ensaio musical.

Tenho assistido a muitos concertos, onde tem tocado amadoras distinctissimas, mas, até hoje, nenhum ouvi que a este possesse comparar-se.

Inevavelmente o concerto de sabbado, como o primeiro realisado ha dias com o mesmo programma, produziram uma sensação de assombro no nosso meio artistico, onde é reconhecida a gloria que Oscar da Silva conseguiu obter sem reclamo e apenas porque sabe insufflar nas suas discipulas o sopro divino da Arte que só um grande artista pôde transmitir.

Perdoe-me o bello espirito do modesto professor se ás vezes, sem querer, e apenas entusiasmado pelo assombro que as suas discipulas causaram com a sua apresentação

em publico, saio fóra da minha habitual correcção na critica que estou fazendo.

Incontestavelmente é preciso ter-se intuição de artista, para que se possa, tocando piano, exprimir - executando musicas conhecidas do Mestre - todo o sentimento e todo o poema symphonico que essas musicas encerram. Mas embora se possuia esse talento em grau muito elevado, e elle viva a dentro d'um pianista, alli ficará eternamente se não tiver quem lhe saiba despertar e aperfeçoar essa faculdade natural.

Devemos, pois, partir do principio de que, para este professor, não vão apenas discipulas de talento nato e impulsivo.

Para elle, como para todos os outros, vão nullidades, mediocridades e quicá alguma notabilidade. Mas o seu modo de ensinar, que é prodigioso, como agora se viu, consente fazer das mediocridades notabilidades, e das notabilidades phenomenos.

Até agora dizia se que para penetrar no segredo supremo da arte de tocar piano, era preciso ir lá fóra ao estrangeiro, especialmente a Leipzig.

E todos os que tinham disposições para isso lá iam fóra, a beber no grande Conservatorio as lições de sapientissimos professores.

Pois bem; de muitos d'esses discipulos que foram ao estrangeiro aperfeçoar-se na arte de interpretar Beethoven, Mozart, Saint-Saëns, Bach, Chopin, Litz, Mendelsshon e outros, poucos ha que os saibam executar melhor do que as de Oscar da Silva, que no sabbado ouvi - como n'um sonho.

Como é precisa, conscienciosa e sabedora a maneira de tocar da snr.ª D. Margarida Pereira.

Como é correcta a suave a execucao da snr.ª D. Carolina S.ª Monteiro.

Como encanta a interpretação das musicas que tocam as snr.ªs D. Maria José S.ª Monteiro, D. Maria Carolina de Andrade e D. Marcelles de Ascensão Saavedra.

Com que perfeição, ferindo as teclas, fazendo-as vibrar, dão intuição precisa ás obras dos grandes mestres.

Mesmo a menina Otilia Ramos Pinto, com que graça ella executou a sua Scene d'Enfant, op. 15, de Schumann.

Mas, quem me deslumbrou, quem me fascinou pelo modo como tocou «Chopin», Litz e Oscar da Silva, foi a snr.ª D. Ernestina Silva Monteiro.

Esta senhora tem um tal poder de execucao que a harmonia que vem do piano arrebatava-nos deliciosamente, como se escutassemos um instrumento divino! Talvez me enganar, talvez, mas alli está mais alguma coisa do que uma pianista: - está uma inspirada.

É uma gloria apresentar discipulas assim. Tenho dito pouco para o que tanto merecem, mas não sei dizer senão o que posso; e como me exprimo mal, talvez isto não agrade a todos; embora... é, no meu entender, a expressão da verdade.

Oscar da Silva tudo merece, modesto como sei que é, talvez não goste d'isto.

Se não gostar que perdoe.

Mas quando se vêem marejados de lagrimas os olhos de um velho professor, como eu vi os de Thimoteo da Silveira - o primeiro professor de Oscar da Silva - ao sentir glorificado, n'uma onda de ovações, o seu discipulo querido, pelas honras que lhe dão os seus discipulos novos - o entusiasmo transborda, irrompendo em bravos e em palmas.

Por isso, e porque muito o estimo, aqui lhe deixo estas simples phrases não de incitamento mas de sincero e vivo applauso.

Alvaro.

Jardim Passos Manuel

Quartetto vocal de Paris. - No elegante salão de festas do Jardim Passos Manuel, realisaram-se dois esplendidos concertos com um escolhido programma.

Os quatro distinctos artistas M.elle Bonnard, M.elle Chad-igue, Mrs. Paulet e Sigwalt, foram applaudidissimos.

O acompanhamento foi feito pelo distincto professor snr. Benjamin Gouveia.

Annuncios

V. de Lemos Peixoto

Com o curso de oto-rhino-laryngologia da Faculdade de Medicina de Paris.

Ex-discipulo dos Drs. Castex, Lermoyez e Lombard.

Tratamento medico e cirurgico de todas as doencas do nariz, garganta e ouvidos. Applicações electricas.

Consulta da 1 ás 5 na rua Formosa, 295

Laboratorios THERAPIA Nucleo Pharmaceutico do Porto, Limitada. 44, R. José Falcão, 52 - TELEPHONE, 702 Porto - Portugal.

Empolas com liquidos injectaveis e anestheticsos. Algodões e gazes medicinaes. Ferros cirurgicos. Formolia e aparelhos para sua utilisação.

Desconfiar das imitações. Exigir sempre origem THERAPIA. Lemos, Lencart & C.ª

EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO PARA A COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA. Sahidas em 7 de cada mez: Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Consultorio Homœopathico - DO - Dr. Antonio de Carvalho. Medico da enfermaria homœopathica do Hospital Geral da Misericordia do Porto, com pratica nos hospitales homœopathicos de Paris, etc. Doencas do coração e Clinica Geral. Rua da Bôa Hora, 7 (Residencia) Das 12 ás 2 da tarde.

FLORES - Para modas, de laranja, ramos, cordas, preparos para flores, artigos religiosos. MAISON S. JOSEPH - Rua Augusta, 233

AOS MONARCHICOS. Tenho em deposito grande variedade em papel de carta com fachaz azul e retrato de Sua Magestade El-Rei D. Manuel II, lapis azul e branco, berloques para pulseiras, argolas para guardanapos com a linda bandeira azul e branca, botões para punhos, passe-partouts com retrato e bandeira, chatelaines, lindos distinctivos com bandeira e retrato, photographias em ponto grande com retrato de Sua Magestade El-Rei D. Manuel II e do Senhor D. João de Almeida.

PREÇO COM GRANDE DESCONTO AOS REVENDEDORES. Todos estes artigos pagam os direitos alfandegarios com ordens superiores; por essa razão não pôdem ser apprehendidos, pois são objectos de meu commercio. PEDIDOS A J. Monteiro Pereira Rua do Loureiro, 72 - PORTO

Magalhães & Moniz, L.^{da} LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencia e lettras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações.
Correspondentes em todo o mundo.

II, Largo dos Loyos, 14—PORTO

CASA FUNDADA EM 1863

ESTOFOS, MOVEIS E TAPETES

Deposito de capachos de côco e pita

Carvalho & Figueiredo

409, Rua do Sá da Bandeira, 409

(PARTE NOVA)

Em frente ao Bolhão

PORTO

PHARMACIA DE 1.^a CLASSE

DE

LEMONS & FILHOS

Unicos preparadores do superior medicamento

POSPIDODGLICINA

Sucedaneo vantajoso do oleo de figados de bacalhau e das suas emulsões. . . Indicado contra as escrophulas, Rachitismo, Anemia, Neurasthenia, etc. . . Este medicamento é o unico ensaiado com seguro exito em todas as casas de beneficencia do Porto e aconselhado por professores da Escola Medica, directores de hospitaes, etc., etc.

MEDALHA DE PRATA

NA

Exposição do Rio de Janeiro

1908-1909

Marca registada em todos os paizes.

ALBANO RAMOS PAES

3, RUA DO CORONEL PACHECO, 3

Telephone, 393

End. teleg. NOVIDADES

Tem a honra de participar ás suas Ex.^{mas} Freguezas que já recebeu a maior parte do seu sortido para verão, escolhido pessoalmente nas primeiras casas de Paris.

Enxovaes para casamento — Execução perfeitissima

Ateliers de vestidos e roupa branca

Confeitaria Oliveira

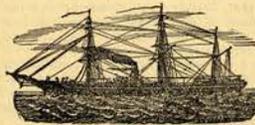
— DE —

José Miguel d'Oliveira & C.^a Succ.^{es}

Importadores directos das principaes casas de Paris, Londres, Berlin, Turin, e Suissa.

Fornecedores de lanches, almoços e jantares no Porto e Provincias:

Fabrico diario de confeitaria, pastelaria, pratos de cosinha, e doce, proprios para presentes, etc.



COMPAGNIES DE NAVIGATION

SUD-ATLANTIQUE

Linha postal. Para Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 6 de Maio o paquete *La Gasconne*.

A 20 de Maio o paquete *Durdigala*.

A 3 de Junho o paquete *Disona*.

Linhas commerciaes. Para Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 28 de Maio o paquete *Samara*.

Para Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 14 de Maio o paquete *Liger*.

Para Bordeaux.

A 3 de Maio o paquete *Disona*.

A 14 de Maio o paquete *Samara*.

K. H. Lloyd (Mala Real Holandeza)

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevidéu e Buenos Ayres.

A 8 de Junho o paquete *Hollandia*.

A 19 de Maio o paquete *Zeelandia*.

Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos

A 8 de Maio o vapor *Amstelland*, (só recebe carga)

Recebendo passageiros de todas as classes.

Para Vigo, Boulogne, Paris, Dover, Londres e Amsterdam.

A 11 de Junho o paquete *Frisia*.

A 21 de Maio o paquete *Hollandia*.—Recebendo passageiros de todas as classes

Linha Cyp. Fabre & C.^o

Para Providence e New-York, e mais cidades dos Estados Unidos da America do Norte com escala por S. Miguel, Terceira e Fayal.

A 21 de Maio o paquete *Germania*.

Recebendo passageiros de 1.^a, 2.^a e 3.^a classes.

Para Marselha.

A 4 de Maio o paquete *Germania*.

A 17 de Maio o paquete *Roma*.

Recebendo passageiros de todas as classes.

Preço das passagens em 3.^a classe para New-York, Boston, New-Bedford, etc.; quarenta e dois mil reis e para S. Francisco da California, Libras 22-0-10.

Para carga e passagens e mais esclarecimentos trata-se com

OREY ANTUNES & C.^o

NO PORTO

EM LISBOA

Largo de S. Domingos, 62-1.^o

Praça Duque da Terceira, 4.

Tel. 415

COMPANHIA DO GAZ

DO PORTO

Distribuição de Coke a domicilio

Por cada 15 kilos (uma arroba) 200 reis
Por cada 600 kilos (um carro). 8\$000 reis

Posto em casa do consumidor, dentro da area da cidade do Porto.

PESO GARANTIDA

SATISFAZEM-SE PROMPTAMENTE

todos os pedidos de Coke que lhe forem feitos ou por meio do correio, ou em requisição verbal nos seus escriptorios da Praça Carlos Alberto, 71, ou na fabrica, no Ouro.